



# O tempo dinâmico da análise e o tempo imóvel da eternidade

*Litza Guttieres-Green\*, Paris*

*Este artigo trata do caso de Pierre, um rapaz que apresenta dificuldade nos seus relacionamentos amorosos, angústias de morte e crises desencadeadas por situações fobogênicas: apresentações públicas, viagens, relações sexuais. Além disso, ele se impõe verificações obsessivas. A rememoração revela-se ineficaz por conta de uma clivagem dos afetos. As lembranças permanecem intelectuais. A análise vai ajudá-lo na organização de uma vida melhor, no desaparecimento das fobias que o debilitavam e dos sintomas obsessivos, à custa de um distanciamento relativo das relações afetivas.*

*Descritores: organização obsessiva, impotência sexual, rememoração ineficaz, ruminação de pensamentos, morte e eternidade.*

---

\* Psiquiatra e psicanalista, membro titular da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) e da Sociedade Suíça de Psicanálise (SSP).



O falecimento de André Green, meu marido, e, durante o mesmo ano, o falecimento de vários de seus amigos e contemporâneos, em particular Guy Rosolato, Jean Laplanche e J.-B. Pontalis, assim como o meu próprio envelhecimento me confrontaram com a passagem do tempo e com a nossa finitude. Lembrei-me então da análise de Pierre, obcecado pelo tempo e pela morte. Desejei dedicar a André as reflexões que me foram inspiradas pela análise de Pierre e que devem muito à sua obra.

Pierre me procurou por problemas em seus relacionamentos amorosos. “As mulheres me rejeitam”, dizia ele. Em busca de uma mulher que o amasse, deparava-se sempre com uma recusa. Pierre era um homem jovem que, embora apresentando muitos rituais de verificação, não se queixava disto. Acreditava “dominar a situação”. Sofria da repetição de seus fracassos amorosos e de sentimentos de culpa paralisantes, relacionados com o medo de ver realizarem-se seus desejos de morte em relação àqueles que o contrariassem ou com quem tivesse rivalidade. No transcurso da análise, apesar de uma hipermnésia notável, a lembrança se revelava ineficaz durante muito tempo; as lembranças, na verdade, eram mantidas sem afetos.

Graças às mudanças de domicílio de sua família, Pierre conseguia datar exatamente as cenas de sua infância que se referiam à relação hostil com seu pai e ao seu amor pela mãe. Ao mesmo tempo em que se empenhava em me contar sua vida presente e passada nos menores detalhes, ele rejeitava minhas intervenções e qualquer alusão à transferência.

Eu me sentia a testemunha impotente e, ao mesmo tempo, necessária de sua vida, ouvindo, às vezes com irritação ou lassidão, o seu monólogo desiludido. Ele se lembrava de cada palavra minha, mas fazia uso delas para me mostrar sua inutilidade. Em nossas sessões, Pierre relatava o que havia pensado na noite anterior, sozinho na sua cama. Dizia ter tentado ir o mais longe possível em suas lembranças para despertar as angústias do passado, compreendê-las e *avançar*.

Uma angústia o atormentava: o medo da eternidade. Pierre já havia sofrido disto quando era pequeno. Aos cinco anos de idade, após a morte de sua avó, ele perguntava à mãe: “Para onde vamos quando morremos?” Associava a sua preocupação à crença religiosa dos pais, católicos praticantes. Estes lhe prometiam um paraíso que o apavorava, porque Pierre o imaginava como a vida em casa, sempre sob o olhar hostil e reprovador do pai. A persistência de seus temores lhe parecia absurda, uma vez que ele tinha se tornado agnóstico. Pierre os explicava, no entanto, pelo ódio que ainda alimentava pelo pai. Porém, quando fiz com que



percebesse que não podia se imaginar separado do seu pai, mesmo após a morte, ele se calou até o final da sessão.

As crises de angústia eram desencadeadas principalmente durante reuniões profissionais nas quais tinha que fazer alguma intervenção. Pierre era, então, obrigado a interromper o que estava fazendo e sair da sala, por medo de dizer ou fazer “coisas loucas”: gritar, dizer palavras insensatas e agressivas, gesticular como louco, bater nas pessoas que estavam com ele à mesa ou começar a tremer dos pés à cabeça e desmaiar.

A agressividade com os colegas foi novamente associada à sua relação com os pais. Ele tinha medo de ser julgado e condenado por alguma falta do passado da qual não se lembrasse. Não saberia a razão da punição, dizia ele. Imaginava um *processo kafkiano*, um tribunal que o excluiria da sociedade, sua vergonha e seu desespero. Suas associações, apresentadas como hipóteses, não traziam nenhum alívio: “É um raciocínio intelectual”, afirmava ele. E de minha parte, eu não podia deixar de entrever, por detrás de suas ruminções, um gozo que ele não conseguia aceitar.

Pierre perseguia incessantemente a lembrança que o curaria como que por milagre. E eu me perguntava qual era esse passado que ele mantinha assim enterrado, isolado de sua subjetividade.

Winnicott (1966) formulou a hipótese de um funcionamento intelectual clivado como sendo um traço essencial da neurose obsessiva. Os conflitos estariam localizados numa área intelectual dissociada, de modo que esses analisandos não podem senão alternar-se entre a ordem e a confusão. A experiência de estruturação que permite fugir do caos não poderia se completar, uma vez que aconteceria na parte dissociada da personalidade.

Quando Pierre procurava compreender o que significavam esses medos, a excitação desencadeada era tão grande que ele se via obrigado a parar de pensar neles para acalmar-se: o simples fato de evocá-los já o aterrorizava. Eu constatava a persistência de afetos associados a representações que, no entanto, lhe pareciam absurdas. Freud teria falado de um “estado emotivo eternizado” (1894, p. 39-46), separado da ideia que o provocara. Eu repetia a mim mesma: é o afeto que *diz a verdade*. Em Pierre, a excitação gerava a angústia ligada ao pensamento de uma represália punitiva por esse gozo de ordem sexual.

Quando eu lhe assinalava que ele preferia tentar pensar nisso fora das sessões, Pierre protestava: “Mas aqui é totalmente impossível! Eu só consigo refletir quando estou sozinho. Então, em vago, lanço uma ideia, depois, deixo correr. Às vezes, revivo coisas, fico contente e aliviado, mas, no dia seguinte, ‘lembro’ delas racionalmente, sem poder sentir de novo o alívio!”. Pierre ficava à



espreita da manifestação do terror para bloqueá-la. Na realidade, fazia um jogo de esconde-esconde com a excitação, o medo e o triunfo de conseguir bloqueá-la. Na minha presença, ele temia não conseguir se entregar ao seu jogo, pois eu o impediria de fazê-lo, como uma mãe puritana: “Não estamos aqui para nos divertir!”.

Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1938) distingue os efeitos positivos da rememoração (fixação, compulsão à repetição), que podem ser integrados ao eu dito normal, das reações negativas, “[...] que tendem à meta oposta: a que nenhum elemento dos traumatismos esquecidos possa ser rememorado nem repetido” (p. 163). Neste caso, a satisfação provém do controle e da dor.

Pierre relata um sonho de quando tinha oito anos de idade, cuja interpretação vai servir de fio condutor para toda a sua análise: a cama onde ele estava deitado saía voando. Pierre sobrevoava a cidade, via o campanário da igreja e seu pai. Lembra-se de ter ficado maravilhado e ao mesmo tempo aterrorizado – dataria desse momento a sua primeira crise de medo da eternidade. A onipotência vivenciada durante esse voo tornou-se uma fonte de represália interminável. Mais tarde, a elação sentida vinha evocar o gozo sexual proibido.

Pierre associava o infinito do cosmos à eternidade, à imortalidade. O infinito estava ligado a um *espaço sem limite*; a eternidade, a um *tempo sem limite*. Ele pensava nisso quando viajava de avião, não suportava não ter mais o chão sob seus pés. Separado da terra-mãe para sempre, ele poderia cair no vazio, o que o remetia à lembrança do sonho. Essa fobia o obrigava muitas vezes a renunciar a viagens aéreas profissionais.

A imortalidade estava vinculada à morte. Representava uma vida sem fim, em que Pierre não deixaria de sofrer e a qual perderia qualquer sentido. Ele a associava ao inferno, mas a morte definitiva, excluindo qualquer ressurreição, lhe causava mais medo ainda.

A eternidade “é a atemporalidade” – dizia Pierre – “o tempo não passa mais, não há nascimento nem morte”. Ele imaginava duas linhas sem começo nem fim, que se cruzavam. Onipotente e aterrorizado ao mesmo tempo, Pierre se encontrava no ponto de intersecção e podia olhar para todas as direções ao infinito. “É inumano”, comentava. “O tempo dá ao homem sua dimensão humana, ritmando sua vida. A eternidade é imóvel, sem mudança nem ritmo, sem início nem fim. É o tédio eterno, a perda de esperança.” Pensei no inferno de Sartre (1947), descrito como uma *clausura*, onde se ficaria confinado para sempre, uma morte sem perda de consciência, sem esquecimento.

Pierre teme e deseja ao mesmo tempo manter sua condição de criança junto à mãe, para não envelhecer nem morrer. Quando sugiro que, ao bloquear sua vida



numa repetição do mesmo, nunca me deixaria, ele recusa essa interpretação. Diz que gostaria de avançar, mas não consegue, e que eu também não posso ajudá-lo! Em seguida, ele acrescenta: “Vislumbrei uma vida sem medo quando pensei que podia prescindir dos meus pais, mas hoje o medo voltou, e não me lembro mais desse sentimento de ser livre.”

Em *O homem dos ratos*, Freud (1909) assinalou, em relação ao neurótico obsessivo, essa precisão das lembranças que encontramos em Pierre. Mas o investimento da lembrança com a erotização que a acompanha, torna ambas inutilizáveis: a excitação obriga Pierre a acalmar-se apagando o afeto. As datas o obcecaram, o tranquilizam e lhe dão a impressão de que ele domina o tempo e o impede de parar. A repetição incessante da mesma vivência e do mesmo discurso bloqueia toda e qualquer tentativa de elaboração. Pierre se deprime e declara não ver nenhuma mudança. Mas “mudar significaria perder uma parte de mim mesmo e submeter-me ao meu pai, renunciar”.

Eu também tenho momentos de desânimo. Sinto-me inútil e incompetente, somente sua pontualidade me faz pensar que devo conseguir suportar e mantê-lo firme no posto. Paralelamente aos sentimentos de solidão e angústia, Pierre quer ser onipotente: o “senhor do tempo”. Continua a viver num passado sempre atual. Embora ocupe um cargo importante e seja capaz de assumir responsabilidades de adulto com inteligência e eficácia, ele continua sendo o menino que tem medo do pai, que não tem direito ao prazer sexual e cuja única mulher é a própria mãe, proibida e “puritana”.

A repetição visa a manter o objeto tal qual, objeto de amor e de ódio, ao qual a criança não conseguiu renunciar. Pierre não tem outra saída além do retorno ao narcisismo primário para tentar resgatar essa unidade primeira. Por esta razão também prefere pensar sozinho à noite, e é somente quando a emoção se dissipa que ele consegue me contar sua noite! Pensar *comigo* traria o risco de *fazer com que perdesse o controle, de enlouquecê-lo e de relegá-lo à eternidade!* Como sua mãe, eu poderia querer que Pierre avançasse em direção ao pai, que fosse como ele, para depois criticar os homens!

A relação tensa com o pai está presente no interesse de Pierre por sua imagem idealizada, o deus judaico-cristão. Para tentar decifrar o enigma dos seus sintomas, Pierre se volta para a origem dos tempos e das religiões. Recusando a evocação de uma cena primitiva na origem de seu nascimento, ele vasculha a história do nascimento dos três monoteísmos, recusando a figura de um deus único e moral que impede a sexualidade.

Pierre volta ao velho sonho da cama voadora. Lembra-se de que, na noite anterior, tinha ido com os pais assistir às majorettes. Elas usavam saias muito



curtas, levantam muito alto as pernas e era possível ver suas calcinhas. Ele achou as meninas muito bonitas, e sua mãe ficou escandalizada. Seu pai também as achou bonitas e, rindo, disse: “Elas não têm grande coisa em baixo”. A mãe ficou brava! Pierre riu: “Na realidade, isso o agradava! Eu sentia que ele tinha o mesmo gosto que eu.” Pela primeira vez, o paciente fez alusão a uma identificação com o pai.

A lembrança das majorettes condensa a imagem de mulheres fálicas (as pernas que levantam) e de mulheres castradas (elas não têm grande coisa dentro das calcinhas). Esta lembrança está associada ao medo de ele mesmo ser castrado, se o pai adivinhar os desejos sexuais do filho por essas mulheres desnudas e excitantes. O sonho em que Pierre sobrevoava a cidade havia encenado seus desejos onipotentes, o gozo e a ereção na presença do pai.

Ele acusa então a mãe de lhe ter ensinado “a guerra dos sexos”, na qual os homens e as mulheres devem desconfiar uns dos outros. Acusa-a de tê-lo empurrado para o pai, que Pierre detestava, enquanto ela mantinha uma relação de cumplicidade com as filhas. Ogden (2012) cita o caso de um paciente que, como Pierre, lamenta não ter nascido mulher: “Não nasceu menina, faltou-lhe aquele algo necessário para conquistar o amor da mãe.”

A imagem que Pierre dava de sua infância – entre uma mãe rígida, aparentemente submissa ao marido, mas secretamente revoltada, e um pai colérico e possessivo – me fazia pensar que o pequeno Pierre, terceiro dos quatro irmãos e preferido de sua mãe, permanecera identificado com ela, numa espécie de fusão à qual ele não podia renunciar. Mais tarde, Pierre expressou sentimentos de ódio pela mãe e pelas irmãs e uma rejeição das mulheres que ele compartilhava com o pai. Juntamente com a sua veneração pelas mulheres, surgiu o medo que elas provocavam nele: “Elas são incoerentes, traidoras e manipuladoras, contestam a lei dos homens, mas buscam antes de tudo um homem forte, ‘bestial’, que admirem. Atraem os homens para depois rejeitá-los, obrigando-os a se submeterem para não serem abandonados.” E Pierre concluía: “O abandono é a morte, o sufocamento. É ser destruído, sentir-se mal, sujo, com nojo de si mesmo”.

Esse medo do abandono pode ser relacionado com o medo descrito por Maurice Bouvet (1967) nas estruturas pré-genitais, nas quais o risco de abandono ultrapassa a angústia de castração. No momento em que Pierre tocasse a jovem que ama, esta se tornaria sua irmã – muito próxima, como quando eram pequenos e se amavam, e, ao mesmo tempo, traidora, delatora. Ele se sente à beira do desfalecimento, “uma pequena morte”, diz ele. Pierre a via como a “viúva negra”, a aranha que devora o macho depois do amor.



Eu digo: “Morrer de gozar”. Pierre: “A morte é o castigo, um abandono de Deus. Se eu fosse agressivo com minha irmã, que me provocava, ela se queixava para o meu pai, que se zangava comigo. É claro que ela era a preferida dele, mas mesmo minha mãe a defendia, e nós, os homens, éramos todos os errados... A minha dificuldade com as mulheres está na passagem do mental ao real, no gesto que demonstra meus sentimentos, e é nesse momento que a culpa e o medo se interpõem. As mulheres nunca fazem essa passagem. Falam de sedução e depois de abandono. Nunca dizem por que nem como se tornaram namoradas deste ou daquele cara. Não falam nada sobre isso. Para mim, é esse momento que marca a diferença dos sexos. O homem tem que insistir, ser persistente, mesmo quando elas dizem não. Enfim, não se deve prestar atenção no que elas dizem.”

Encontramos a oposição ativo-passivo, enquanto a diferença de ordem sexual é remetida a uma diferença de ordem psíquica. Como não pensar em Lacan (1972-73), quando ele fala do gozo feminino: “[...] desse gozo, a mulher nada sabe [...] há quanto tempo se implora, se implora de joelhos [...] para que nos digam, pois é, elas ficam caladas! Nunca conseguimos arrancar nada” (p. 69).

Diante da *duplicidade* e da força das mulheres, Pierre fica fascinado e, ao mesmo tempo, revoltado: “No fundo, as mulheres são sádicas, nos rebaixam, nos humilham. Com elas, sinto-me num trilho que me leva para a cadeira elétrica. *O ideal seria que fôssemos iguais, mas somos diferentes*” (grifos meus).

Quando, pela primeira vez, uma colega aceitou ter uma relação sexual com ele, Pierre teve nojo. A genitália feminina lhe pareceu “uma ferida”. Sentiu medo. Ficou impotente. Teve um sonho que repete aquele da infância (foi antes de 11 de setembro de 2001 e dos ataques contra as torres gêmeas): estava voando sobre Nova Iorque e caiu “como uma pedra”, do alto do Empire State Building. Ele associa com King Kong, o macaco apaixonado que subiu no arranha-céu com a mulher que amava e se deixou abater. Relaciono esse sonho com os riscos que ele assume ao amar: “Tornar-se como uma mulher, com uma ferida no lugar do pênis e morrer”.

O medo da eternidade, medo incontornável que Pierre não consegue enfrentar, o mantém afastado das mulheres. A imobilidade do tempo, que o impede de alcançar a idade em que seus desejos poderão finalmente realizar-se, o protege de sua rivalidade com o pai. A corrida do tempo o levaria em direção à morte. Ele comenta: “Talvez uma parede invisível me proteja, proibindo-me o amor. A morte segue a relação amorosa. É uma ameaça para o corpo e o sexo”. Se eu interpreto o medo da castração pelo pai, Pierre replica que pensou nisso, mas isso é intelectual, ele não acredita, e não muda nada.



Desde Freud e a sua descrição magistral da neurose obsessiva, marcada pelo complexo de castração, os analistas tiveram de se dar conta da complexidade desses casos e do impasse com o qual se deparavam. Imobilismo, ambivalência, narcisismo, repetição incessante os levaram a conceber outros traumatismos mais antigos que os fizeram muitas vezes considerar esses pacientes como personalidades limítrofes.

O medo da eternidade pode ser relacionado com as angústias de despedaçamento de que Winnicott (1957) nos fala. Tratar-se-ia de um fracasso da organização das defesas, defesas contra o colapso, estado de algo *impensável* que Pierre não consegue enfrentar. As angústias impensáveis decorreriam das angústias primitivas da criança, relacionadas com uma ruptura da continuidade de ser. Este aniquilamento implicaria no desaparecimento de todas as experiências acumuladas ao longo da vida e das gerações sucessivas.

*O medo do colapso* remeteria à antecipação de um desastre já ocorrido. Enquanto as angústias primitivas provocariam uma vivência de desintegração, de queda sem fim, uma despersonalização, uma perda do sentido do real e da capacidade de se relacionar com os objetos, resultando num recurso ao narcisismo primário (Winnicott, 1957). Encontramos aí *a queda no vazio* do sonho de Pierre. O sentimento de continuidade no tempo deve ser integrado pela criança, que vive primeiramente numa não-finitude pelo fato de não conhecer nem passado nem futuro. É a continuidade dos cuidados da mãe que permitiria ao eu da criança sair do estado de fusão e de confusão com o objeto (Winnicott, 1962). O tempo e o processo são necessários para dar sentido à vida. Somente se reviver na transferência as falhas do analista (repetindo assim a experiência da falha do ambiente) é que o paciente poderá realmente superar suas angústias, pela *rememoração* desse estado de desamparo antigo.

Mantendo-me à distância, Pierre talvez quisesse me proteger dessa vivência de falha e de castração, que lhe teria tirado sua confiança em meu poder de ajudá-lo: “A psicanálise não serve para nada, mas, sem ela, estou perdido”, dizia ele. Pierre nunca faltava a uma sessão, vinha quatro vezes por semana e, às vezes, solicitava uma quinta sessão, que eu concedia de acordo com as minhas possibilidades. Durante as férias, inclusive, ele me telefonava para se queixar ou contar um acontecimento. No entanto, precisava negar sua dependência e não podia viver comigo as angústias e os sofrimentos de sua análise. Incapaz de estabelecer uma relação que não fosse ameaçadora, ele precisava esterilizar seus afetos e seus pensamentos, que permaneciam intelectuais.

Segundo André Green (2000), a emergência da memória sempre requer, para enfrentar a prova de realidade, um luto: o luto pelo objeto perdido, a mãe ou



o seio. O “tempo morto, equivalente cronológico do espaço vazio<sup>1</sup>” deveria nos fazer renunciar à “restituição *ad integrum* de um tempo perdido para sempre” (Green, 1975, p.107).

O masoquismo seria necessário, diz Benno Rosenberg (1991), para garantir uma continuidade interna suficiente perante um risco de descontinuidade do funcionamento do eu: “É nos momentos de vazio interno, de ruptura ameaçadora da vida fantasmática, que o sujeito sente a necessidade de um sofrimento masoquistamente investido [...] para restabelecer o guardião de sua continuidade psíquica” (p. 84). Para aceitar viver, é preciso também aceitar envelhecer e até mesmo encontrar nisto um prazer que podemos designar por masoquismo guardião da vida.

“*Continuar* pressupõe descartar qualquer estado estático, em proveito de um estado dinâmico que não para de evoluir”, escreveu André Green (2013, p. 86). Porque, diz ele ainda: “Continuar é manter a mente alerta e em movimento; é a manifestação do fato de que permanecemos vivos. Mas até quando? [...] O que é não estar? Estar morto? Ninguém sabe o que é a morte [...] Tudo o que sabemos é que ela representa uma ameaça para o nosso ser. Em certas condições, surge um sentimento de ‘morte iminente’, um risco de não mais existir que permanece incompreensível” (p. 89).

E ainda: “O homem não consegue saber o que é a morte, nem consciente, nem inconscientemente” (Green, 1983, p. 256). Do mesmo modo que não concebe o infinito no espaço ou no tempo, o afeto não compreende aquilo que a razão acredita saber. Sei que a morte existe e que é o fim inelutável de toda vida, mas não acredito nisso.”

Então, o que pode representar esse “medo da morte” de que Pierre se queixava? Nós o entendemos como uma angústia ante uma perda de controle, um medo do desconhecido. Mas não só isso. A morte também era a sanção merecida pelo prazer que obtinha com sua *masturbação* intelectual.

Sem dúvida, a velhice e a morte representam uma castração pela perda das faculdades psíquicas e físicas. Recusando *avançar*, Pierre queria impedir que elas ocorressem e, ao mesmo tempo, manter o prazer masoquista de seus sofrimentos.

De fato, quando nem as lembranças nem o futuro trazem um apaziguamento, quando são tão aterrorizantes quanto à morte e que mesmo o consolo de uma ressurreição é imaginado como um inferno, nos sentimos diante do inanalísável e

<sup>1</sup> É na origem deste que Green supôs um desinvestimento relacionado com uma expectativa decepcionada, um traumatismo negativo que provocou a morte do objeto. Cf. Green (1975).



do risco de uma análise sem fim. Eu pensava seguidamente nisso, perguntando-me o que poderia fazer para que a análise não se tornasse interminável. Eu me dizia que o enquadre analítico era cômodo demais, oferecia ao paciente uma relação suficientemente distante e desencarnada para não se tornar ameaçadora, tornando-se para ele a *melhor* solução. Pierre me fazia pensar em Tanguy, aquele menino que não conseguia deixar seus pais<sup>2</sup>.

A análise de Pierre durou 18 anos! Finalmente, conseguimos estabelecer um fim. Pouco a pouco, ele conseguiu vencer suficientemente o medo de envelhecer e de morrer para aceitar o risco de viver... enquanto esperava. Precisou, no entanto, instaurar todo um sistema de defesas contra a dependência e o abandono. Quando finalmente consegui estabelecer uma relação amorosa satisfatória, seu medo das viagens desapareceu e Pierre foi fazer a volta ao mundo. Consegui, assim, manter uma *boa distância* entre ele e sua companheira. Também decidi que podia interromper a análise, e pensei que tínhamos ido ao extremo do que ele podia tolerar. Pierre sempre negou qualquer ligação transferencial, mas, em nossa última sessão, ele me disse: “Vivemos juntos muitas coisas e vamos nos deixar *para sempre!* Não voltarei mais. Se eu tiver de retomar uma análise, irei procurar outra pessoa, nós somos muito íntimos!” Era preciso, portanto, introduzir uma distância entre nós no momento em que ele se sentia mais próximo... próximo demais!

Dissemos adeus. Eu me sentia ao mesmo tempo aliviada e triste com a ideia de que não saberia mais nada dele. Dizia-me, pensando na famosa frase de Freud, que talvez pudéssemos ter transformado suficientemente o seu funcionamento para que Pierre pudesse viver “uma infelicidade banal” ou – por que ser pessimista? – uma felicidade banal.

A postura de oposição, a erotização do pensamento e do saber tornaram essa psicanálise fascinante, mas difícil. Até o final, a ambivalência de Pierre em relação a mim não cedeu. Ele me ignorou durante muito tempo, recusando minhas interpretações, rejeitando-as abertamente ou fazendo como se não tivesse ouvido. E nesse momento, reconhecia nossa ligação e, por causa disso, foi embora para sempre.

Foi necessário acompanhá-lo, sem nunca ultrapassá-lo, aceitando a relatividade do sucesso obtido e a repetição dos retrocessos, o risco de agravamento. Fui ajudada pela admiração que eu sentia por sua inteligência, sua cultura, sua honestidade, sua tenacidade e sua coragem.

---

<sup>2</sup> *Tanguy* é um filme francês, de Étienne Chatiliez, lançado em 2001: Um jovem de 28 anos, Tanguy, vive na casa dos pais e recusa ir embora do lar, sem desconfiar que os pais, excedidos, estão dispostos a tudo para fazer com que o filho se decida a partir.



Muitos psicanalistas falaram da paciência que devemos ter. E, no fim de sua vida, André Green (2010) escreveu *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*, onde descreve os fracassos que encontramos. A análise de Pierre foi um fracasso? Não me parece ter sido. Pierre tirou da análise uma organização mais confortável ou, pelo menos, suportável para a sua vida. Voltei a pensar nisso quando eu mesma me vi encurralada, com a impressão de que o futuro se tornara sombrio e, de repente, senti medo. Então, pude me voltar para o passado e minhas lembranças, para as experiências positivas e para as relações com aqueles que me sucederão e a quem eu ainda gostaria de dar alguma coisa. O futuro deles se tornou mais importante que o meu.

O círculo pode assim se completar, desde que se tenha tido coragem de viver. □

## Abstract

### **The dynamic time of analysis and the still time of eternity**

This article presents Pierre's case, a young man with difficulties in love relations, death anxiety, and crisis triggered by phobia-generating situations: public presentations, trips, sexual relations. Also he imposes himself obsessive verifications. Recalling is inefficient due to affect splitting. Memories remain intellectual. Analysis will help him in the organization of a better life, in the disappearance of phobias that handicapped him, and of the obsessive symptoms, due to a relative distancing from affective relations.

Keywords: obsessive organization, sexual impotence, inefficient recalling, thoughts rumination, death, and eternity.

## Resumen

### **El tiempo dinámico en el análisis y el tiempo inmóvil de la eternidad**

Este artículo trata del caso de Pierre, un muchacho que presenta dificultad en sus relaciones amorosas, angustias de muerte y crisis desencadenadas por situaciones fobogénicas: presentaciones públicas, viajes, relaciones sexuales. Además, él se impone verificaciones obsesivas. La rememoración se revela ineficaz debido a un clivaje de los afectos. Los recuerdos permanecen intelectuales. El análisis lo ayudará a una mejor organización de la vida, al desaparecimiento de las fobias



Litza Guttieres-Green

que lo debilitaban y de los síntomas obsesivos, a custo de un distanciamiento relativo de las relaciones afectivas.

Palabras llave: organización obsesiva, impotencia sexual, rememoración ineficaz, cavilaciones de pensamientos, muerte y eternidad.

## Referências

- Bouvet, M. (1967). *La Relation d'objet : névrose obsessionnelle, dépersonnalisation*, Paris : Payot, 1972.
- Chatiliez, E. (Diretor). (2001). *Tanguy* [DVD]. Paris : UFD/UGC Productions.
- Freud, S. (1894). Obsessions et phobies. In *Névrose, psychose et perversion*. Paris : PUF, 1973.
- \_\_\_\_\_. (1909). L'Homme aux rats. In *Cinq psychanalyses*. Paris : PUF, 1966.
- \_\_\_\_\_. (1938). *L'homme Moïse et la religion monothéiste*. Paris : Gallimard, 1986.
- Green, A. (1975). Le temps mort. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 11.
- \_\_\_\_\_. (1983). Postface. In *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris : Minuit, 2007.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Le Temps éclaté*. Paris : Minuit.
- \_\_\_\_\_. (2010). *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Paris : Odile Jacob.
- \_\_\_\_\_. (2013). Origines et vicissitudes de l'être dans l'œuvre de Winnicott. In *Penser la psychanalyse avec Bion, Lacan, Winnicott, Laplanche, Aulagnier, Anzieu, Rosolato*. Paris : Ithaque, pp. 71-92.
- Lacan, J. (1972-73). *Le séminaire, Encore*, Livre XX. Paris : Seuil, 1975.
- Ogden, T. (2012). *Cet art qu'est la psychanalyse*, Ithaque.
- Rosenberg, B. (1991). Masochisme mortifère et masochisme gardien de vie, *Monographies de la Revue française de psychanalyse*. Paris: PUF, p. 84.
- Sartre, J.-P. (1947). *Huis clos*. In Théâtre I. Paris: Gallimard.
- Winnicott, D. W. (1957). *La crainte de l'effondrement et autres situations clinique.*, Paris : Gallimard, 2000, p. 208.
- \_\_\_\_\_. (1962). Intégration du moi au cours du processus de maturation de l'enfant. In *Processus de maturation chez l'enfant*. Paris : Payot, 1970, pp. 14-16.
- \_\_\_\_\_. (1966). Comment on obsessional Neurosis and 'Frankie'. *Int.J.Psycho-Anal*, 47, 143.

Recebido em 20/03/2013

Aceito em 28/04/2013

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Tula Bisol Brum e Luciane Falcão**

**Litza Guttieres-Green**

6, avenue de l'Observatoire

75006 – Paris – France

e-mail: litza.guttieres.green@numericable.fr

© Litza Guttieres-Green

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA